

# Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira  
Proprietária: Casa Publicadora Angolana  
Redacção e Administração: Missão Adventista  
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo  
Lépi

NÚMERO AVULSO . . . . . 2\$00  
ASSINATURA ANUAL . . . . . 20\$00

Ano II — Número 13

Janeiro de 1964

## TRÊS PROJECTOS PARA 1964

Ao principiarmos um novo ano, é natural que tomemos novas resoluções e estabeleçamos novos projectos.

Côncios de que a evangelização é o trabalho primordial da Igreja Adventista, a maior tarefa que nos incumbe é a de levarmos a Mensagem Evangélica e de ganharmos para Cristo o maior número possível de pessoas. Para isso torna-se necessário que cada obreiro e cada membro de igreja se empenhe nesta actividade. Com a cooperação de todos poderemos fazer de 1964 o melhor ano da história da União Angolana no que respeita a almas ganhas para a Igreja e para Cristo.

Suposto este propósito geral, há três projectos sobre os quais desejamos fazer incidir de um modo particular a nossa atenção e os nossos esforços.

O primeiro consiste em imprimir um novo impulso e assegurar um funcionamento normal ao nosso sistema de educação sob seus diversos aspectos — rural, primário e secundário.

O segundo tem que ver com a organização e actividades das Sociedades de Jovens. Durante este ano carecemos de fazer um registo exacto dos nossos jovens e menores; de realizar quinzenalmente reuniões regulares, para as quais vão ser preparados pelo Departamento dos M. V. os respectivos programas; e de promover a execução dos planos das Classes Progressivas, devendo ser traduzidos para umbundu pequenos manuais das Classes Auxiliares e de Amigos.

O terceiro projecto corresponde a uma aspiração das populações nativas de Angola — o estabelecimento de cursos de Educação Doméstica, abrangendo os seguintes tópicos: O Lar Adventista; Culinária; Corte e Costura; Higiene e Tratamentos Domésticos.

Que o Senhor nos conceda o privilégio de ver transformados em realidade estes planos, que sem dúvida contribuirão para o avanço da Mensagem e a edificação da Igreja.



# O senhor Morno teve um sonho

O Sr. Morno teve um sonho horrível — tão horrível que quase instantaneamente o fez passar de morno a fervoroso Adventista do Sétimo Dia. Sonhou que todas as nossas casas publicadoras tinham sido encerradas. Os prelos gigantes que através dos anos tinham feito jorrar rios de livros e revistas repletos de verdade estavam agora silenciosos. Toneladas de papel jaziam intactas nos depósitos das nossas tipografias. Cessara o ruído amigo das máquinas impressoras.

O Sr. Morno esperava que isto viesse a acontecer, mas nunca pensou que acontecesse tão depressa. Como outros membros da igreja, calculara mal a rapidez com que as profecias se estavam cumprindo.

Estendendo a mão para a estante das revistas que estava perto da sua cadeira de descanso, puxou por um velho exemplar do BOLETIM ADVENTISTA. Folheou-o lentamente, embora na realidade não necessitasse fazê-lo. Com efeito lera-o tantas e tantas vezes que já sabia de cor o seu conteúdo. O mesmo se dava com os outros membros da família. Juntos tinham chorado o vazio das notícias denominacionais criado pelo desaparecimento do BOLETIM e quantas vezes tinham especulado sobre o que estaria acontecendo a seus irmãos adventistas em todo o mundo. Por uma carta recebida de um amigo tinham sabido que se haviam registado espectaculares conversões em vários países, mas nunca tinham podido certificar-se a este respeito. Constava também que muitos crentes tinham sido chamados aos tribunais para deporem sobre a sua fé. Mas não havia quaisquer pormenores.

Mesmo no seu sonho, o Sr. Morno soltou um profundo suspiro de saudade: «Oh, que belos dias aqueles em que podíamos ler o nosso querido BOLETIM e estávamos a par dos progressos da obra de Deus em todo o mundo!» Tão profundo foi o seu suspiro e tão

sincero o sentimento expresso que despertou. Que alívio ao descobrir que toda aquela terrível situação não passava dum sonho! Abrindo os olhos, olhou ao redor. Tinha adormecido na igreja. À sua volta, outros crentes dormiam ainda a sono solto. Olhando para a frente, viu o pastor levantar-se e anunciar: «Irmãos, este ano temos de fazer um esforço especial para que cada família receba o BOLETIM ADVENTISTA!».

«Pois eu cá não necessito de mais nenhum esforço especial» — comentou o Sr. Morno com os seus botões. Puxando de um envelope meteu nele uma nota de 20\$00 e escreveu por fora: «Vinte escudos do Irmão Morno para a assinatura do BOLETIM ADVENTISTA em 1964». Depois, sorrindo, pensou: O pastor vai ficar admirado pela minha prontidão em responder ao apelo, mas a verdade é que depois deste sonho — ou, quem sabe, desta visão — vejo esta questão da assinatura das nossas revistas com mais clareza!».

Ainda bem que o Irmão Morno conseguiu descobrir, à custa de uma soneta na igreja, a importância das revistas denominacionais. E sabemos que ele se há-de alegrar com todas as bênçãos que receberá em 1964 em troca do pequeno investimento que representa a assinatura do BOLETIM ADVENTISTA.

Tradução livre da *Review and Herald*, de 5 de Setembro de 1963, por António C. Lopes.

---

Todo o erro, toda a falta, toda a dificuldade vencidos, se tornam um degrau no acesso a coisas melhores e mais elevadas. E' mediante tais experiências que todos os que tornaram a vida digna de ser vivida conseguiram o êxito. — EDUCAÇÃO, pág. 296.



# Será possível a união com Roma?

por José Eduardo da Costa Rodrigues

Ao falarmos de união há que distinguir entre possibilidade de realização e possibilidade ética.

Não nos admira que se chegue, no futuro, a qualquer entendimento com Roma. Essa possibilidade existe em potência e já com ela contávamos, mesmo antes de Roma ter adoptado a actual atitude tão em contraste com a sua atitude do passado. Já há muitos anos que vimos lendo afirmações penetrantes como estas:

«Quando o protestantismo estender os braços através do abismo, a fim de dar uma mão ao poder romano... podemos saber que é chegado o tempo das operações maravilhosas de Satanás e que o fim está próximo.»<sup>1</sup>

«Os protestantes dos Estados Unidos... estender-se-ão por sobre o abismo para dar mãos ao poder romano.»<sup>2</sup>

Isto quanto à possibilidade de realização. Quanto à possibilidade ética somos da opinião que, nas circunstâncias actuais, qualquer espécie de união com Roma não passa de um abraço entre as Trevas e a Luz. Existe, como procuraremos mostrar a seguir, uma impossibilidade moral a qualquer espécie de aproximação entre os blocos tradicional e reformado.

Só compreendemos e aceitamos uma aproximação que tenha por base uma humilde aceitação da Verdade, tal como se encontra revelada nas Sagradas Escrituras, fonte primária da Revelação. Ora, não é isto que Roma pretende. Ela, tomando a atitude de mãe virtuosa, abre os braços e convida os filhos pródigos<sup>3</sup> a regressarem submissos e arrependidos ao lar materno! Esta atitude é bem clara em numerosas declarações officiosas de importantes personalidades do clero romano. O cardeal Bea, presidente do Secretariado para a União dos Cristãos, afirmou categoricamente que a união, no que respeita a Roma, significa «submissão em assuntos de Doutrina e Disciplina» sob «o supremo pastor, o sucessor de S.

Pedro, o Bispo de Roma.»<sup>4</sup> Também o Dr. Hans Kung, sacerdote católico e figura de revelo na actual conjuntura, torna claro que «as definições dogmáticas expressam a verdade com infalível exactidão e, neste sentido, são inalteráveis.»<sup>5</sup> Igualmente o escritor-divulgador católico, Daniel-Rops, escrevia recentemente: «Mesmo para ajudar os irmãos separados a aproximarem-se, há pontos em que a Igreja não pode transigir: em primeiro lugar os que dependem dos seus dogmas, e depois os que dizem respeito à sua instituição divina. Posição imutável, definitiva, que os católicos consideram a expressão da sua inteira fidelidade à verdade recebida de Deus, atitude a que eles não podem de modo algum renunciar.»<sup>6</sup>

Nestes termos, qualquer pensamento de união é inconcebível para os cristãos que defendem as doutrinas evangélicas das Escrituras Sagradas.

Embora devamos amar os nossos irmãos católicos, devemos repudiar vigorosamente o sistema a que pertencem, como uma mistura perigosa em verdade e erro. Não hesitamos em apodar de 'perigoso' o sistema romano porque, dos seus numerosos membros, poucos são os que têm algum conhecimento das verdades salvadoras do Evangelho, pois, infelizmente, essas verdades encontram-se envolvidas por um colossal volume de tradições humanas, práticas pagãs e superstições de santos, relíquias, sacramentos e cerimónias rituais.

Abordado o tema das diferenças entre católicos romanos e reformados, expressou-se assim o maior teólogo protestante da actualidade, Karl Barth:

«Na minha maneira de ver, o maior obstáculo à aproximação entre a Igreja Reformada e a Igreja Católica, é uma pequenina palavra que a Igreja Romana acrescenta após cada uma das nossas afirmações: a palavra 'e'. Quando nós dizemos Jesus, os católicos dizem Jesus e Maria. Nós procuramos obedecer a Cristo como nosso único Senhor;



os católicos obedecem a Cristo e ao seu representante na terra, o Papa. Nós acreditamos que os cristãos são salvos pelos méritos de Jesus Cristo; os católicos acrescentam 'e pelos seus próprios méritos', isto é, pelas suas obras. Nós cremos que a única fonte de Revelação é a Escritura; os católicos acrescentam 'e a tradição'. Nós dizemos que o conhecimento de Deus é obtido pela fé na Sua Palavra, como está expressa nas Escrituras; os católicos acrescentam 'e pela razão'.»<sup>7</sup>

Roma não se limita a ensinar o erro, mas lança excomuniões fulminantes sobre todos aqueles que contendem pela pureza da Fé. O Concílio de Trento terminou com a tríplice maldição: «Anátema a todos os herejes. Anátema anátema.»<sup>8</sup>, uma odiosa imprecisão que Roma nunca revogou.

Se amamos as verdades do Evangelho, será bom, ao pensarmos numa possível união com Roma, meditarmos nas seguintes decisões do célebre Concílio de Trento, cujos decretos e cânones foram ratificados pelo Papa Pio IV, em 26 de Janeiro de 1564, no exercício do seu ministério 'infallível':

### Sobre o cânon das Escrituras Sagradas:

«Se alguém pois não receber por sagrados e canônicos estes mesmos livros inteiros, (canônicos e pseudocanônicos)<sup>9</sup>, com todas as suas partes, da maneira que na Igreja Católica se costumam ler e se contém na antiga edição Vulgata Latina, e com conhecimento, e propósito deliberado, desprezar as sobreditas tradições, seja excomungado.»<sup>10</sup>

### Sobre a doutrina da Justificação pela Fé:

«Se alguém disser que os homens se justificam, ou só com imputação da justiça de Cristo... ou também que a graça com que nos justificamos é somente o favor de Deus: seja excomungado.»<sup>11</sup>

«Se alguém disser que a justiça recebida se não conserva, nem também aumenta para com Deus, pelas boas obras; mas que as boas obras somente são frutos e sinais da justificação que

se alcançou, e, de modo nenhum, causas, que a aumentem: seja excomungado.»<sup>12</sup>

Se alguém disser que, depois de recebida a graça da justificação, de tal modo é perdoada a culpa a qualquer pecador penitente que lhe não fica resto algum de pena temporal, que haja de pagar ou neste século, ou no futuro, no purgatório, antes que possa entrar no Reino do Céu: seja excomungado.»<sup>13</sup>

### Sobre a Eucaristia:

«Se alguém negar que no Santíssimo Sacramento da Eucaristia se contém verdadeira, real e substancialmente o Corpo, e Sangue, juntamente com a Alma, e Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo, e por conseguinte, todo o Cristo; e disser que somente está nele como em sinal, figura ou virtude: seja excomungado.»<sup>14</sup>

«Se alguém disser que o Cristo dado na Eucaristia só é comido espiritualmente, e não também sacramental e realmente: seja excomungado.»<sup>(15)</sup>

### Sobre a Missa:

«Se alguém disser que o Sacrifício da Missa é somente de louvor, e acção de graças ou mera comemoração do Sacrifício feito na cruz; mas não propiciatório, ou que só aproveita ao que comunga; e que se não deve oferecer pelos vivos; e defuntos, pelos pecados, penas, satisfações, e outras necessidades: seja excomungado.»<sup>16</sup>

«Se alguém disser que, com o sacrifício da Missa, se blasfema do santíssimo Sacrifício, que Cristo executou na Cruz; ou que aquele derroga neste: seja excomungado.»<sup>17</sup>

«Se alguém disser que é impostura celebrar Missas em honra dos Santos, e para conseguir a sua intercessão para com Deus, como a Igreja pretende: seja excomungado.»<sup>18</sup>

### Sobre a Confissão:

«Se alguém negar que a Confissão Sacramental foi instituída, ou é necessária para a salvação por Direito Divino; ou disser que o modo de confessar em segredo, só ao Sacerdote, que a



Igreja desde o princípio observou sempre, e observa, é diverso da instituição de Cristo, e é invento humano: seja excomungado.»<sup>19</sup>

### Sobre o matrimônio:

«Se alguém disser que a Igreja erra, quando ensinou, e ensina, conforme a doutrina Evangélica e Apostólica que pelo adultério de um dos esposos se não pode dissolver o vínculo do Matrimônio; e que ambos, e ainda o inocente, que não deu causa ao adultério, não pode contrair outro matrimônio, sendo vivo o outro consorte; e que é adúltero o que deixar a esposa adúltera, e receber outra; e a esposa que deixar o adúltero e se casar com outro: seja excomungado.»<sup>20</sup>

### Sobre o Purgatório:

«Como a Igreja Católica, instruída pelo Espírito Santo das Sagradas Letras, e antiga Tradição dos Padres nos sagrados concílios, e ultimamente neste Ecuménico Concílio, ensinou haver Purgatório, e que as almas ali detidas são ajudadas pelos sufrágios dos fiéis, e principalmente pelo gratíssimo sacrifício do Altar; manda o santo Concílio aos Bispos, que procurem com diligência, que a sã doutrina do Purgatório, que nos foi dada pelos Santos Padres, e sagrados Concílios, seja abraçada pelos fiéis de Cristo, e em toda o parte se abrace, ensine e pregue.»<sup>21</sup>

### Sobre Invocação, Veneração e Relíquias dos Santos:

«Manda o santo Concílio... que instruem diligentemente os fiéis, primeiramente da intercessão dos santos, sua invocação, veneração das Relíquias, e legítimo uso das imagens; e lhes ensinam que os Santos, que reinam juntamente com Cristo, oferecem a Deus pelos homens as suas orações; e que é bom, e útil invocá-los humildemente, e recorrer às suas orações, poder e auxílio, para alcançar benefícios de Deus, por Seu Filho Jesus Cristo Nosso Senhor, que é o nosso único Redentor e Salvador. Sentem pois impiamente aqueles que dizem que os Santos, gozam de eterna felicidade no Céu, não devem ser invocados; e os que afirmam, ou que eles não oram pelos

homens, ou que invocá-los para que orem é idolatria, ou que é oposto à Palavra de Deus, e contrário à honra do único Mediador de Deus e dos homens, Jesus Cristo; ou que é estultícia suplicar com palavras, ou com o pensamento aos que reinam no Céu.

Que também os santos corpos dos Santos Mártires... pelos quais faz Deus aos homens muitos benefícios, devem ser venerados pelos fiéis; e assim os que afirmarem que se não deve veneração e honra às Relíquias dos Santos, e que estes, e outros sagrados monumentos são inutilmente honrados pelos fiéis, e que debalde visitam as memórias dos Santos, por motivos de conseguir o seu socorro, devem ser infalivelmente condenados, segundo muito já os condenou, e agora condena a Igreja.»<sup>22</sup>

### Sobre as Indulgências:

«Sendo o poder de conferir Indulgências conferido por Cristo á Igreja, e tendo ela usado deste poder, que lhe foi por Deus concedido, ensina, e manda o santo Concílio: que o uso das indulgências, sumamente salutar ao povo Cristão, e aprovado por autoridade dos sagrados Concílios se deve conservar na Igreja; e condena com excomunhão aqueles que, ou afirmam serem elas inúteis, ou negam haver na Igreja poder de as conceder.»<sup>23</sup>

A estas afirmações, juntemos as que se encontram no 'Syllabus' do Papa Pio IX, que mereceram uma defesa irônica do nosso talentoso Antero de Quental<sup>24</sup> e uma contundente 'resposta' de Guerra Junqueiro<sup>25</sup>. No 'Syllabus', que é um índice das heresias modernas, condena-se, a par do panteísmo, naturalismo, racionalismo, comunismo, sociedades secretas, etc., também as Sociedades Bíblicas, o princípio da liberdade civil e religiosa e o da separação da Igreja do Estado (!!!)<sup>26</sup>.

É além de tudo isto, notemos como o culto de Maria vem roubando Cristo da glória que só a Ele pertence. No Concílio de Éfeso (431 A. D.), foi dado a Maria o título de 'Mãe de Deus'<sup>27</sup> em substituição do que, por direito, lhe pertencia: 'Mãe de Cristo'<sup>28</sup>. Daí para diante a mariolatria desenvolveu-se pro-



gressivamente. Em 1854 foi proclamado o dogma da Imaculada Conceição <sup>29</sup> e em 1950 o da Assunção <sup>30</sup>. Nenhum destes dogmas tem o mínimo fundamento nas Escrituras Sagradas. Mas parece que esta tendência não fica por aqui. Tem-se falado ultimamente do reconhecimento oficial do papel que Maria desempenhou na obra da Redenção e não nos surpreenderia que o próximo dogma da Igreja Romana alce Maria à posição de Co-Redentora com Cristo.

Lembremo-nos ainda das perseguições odiosas que acabavam quase sempre na fogueira, da Inquisição, das cruzadas contra os cátaros e valdenses, etc., etc. e teremos uma ideia da influência que, directa ou indirectamente, Roma teve na execução dos quadros mais negros da História.

Depois de termos meditado em tudo isto, voltemos à pergunta inicial: Será possível a união com Roma?

No plano das realizações, é provável, até mais do que provável, que haja uma aproximação de Roma.

No plano mais elevado da ética, qualquer aproximação é impossível, a menos que Roma construa uma ponte sobre o fosso cavado pelos seus anátemas e queira rever as suas doutrinas pela pureza evangélica da Verdade. Ora isto nunca acontecerá porque *Roma semper est eadem*, isto é, nunca revogará os seus dogmas, conforme demonstrámos no princípio.

- (1) Ellen G. White, *Testemunhos Selectos*, Ed. Mundial, Vol. II, pág. 151. Testemunho escrito em 1885.
- (2) Ellen G. White, *O Conflito dos Séculos*, Ed. Bras, pág. 637. Livro escrito em 1888.
- (3) 'Herejes', na antiga terminologia católica; 'Irmãos separados', na nova terminologia.
- (4) *Christian Unity: A Catholic View*, 1962, pág. 63. Citado em *Christianity Today*, Vol. VIII, No 1.
- (5) *The Council and Reunion*, 1961, pág. 163. Citado na mesma revista.
- (6) Daniel-Rops, *Vaticano II*, pág. 252.

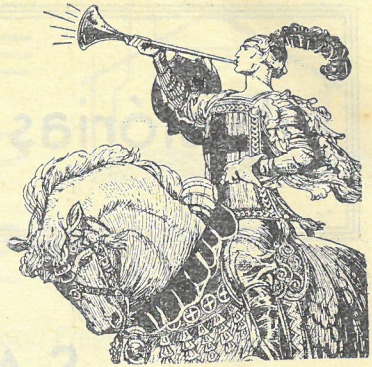


Grupo de Colportores de Luanda.

- (7) Karl Barth, citado em *Christianity Today*, Vol. VIII N.º1.
- (8) *Conc. Trid.*, Sessio XXV, Acclamations Patrum in fine Concilii.
- (9) Não incluído no texto. Observação do autor.
- (10) *Conc. Trid.*, Sessio IV, Decretum de Canonicis Scripturis.
- (11) *Id.* Sessio VI, De Justificatione, Canon XI.
- (12) *Id.*, *Ibid.*, Canon XXIV.
- (13) *Id.*, *Ibid.*, Canon XXV.
- (14) *Id.*, Sessio XIII, De Sacramento Eucharistiae, Canon I.
- (15) *Id.*, *Ibid.*, Canon VIII.
- (16) *Id.*, Sessio XXII, De Sacrificio Missae, Canon III.
- (17) *Id.*, *Ibid.*, Canon IV.
- (18) *Id.*, *Ibid.*, Canon V.
- (19) *Id.*, Sessio XIV, De Sanctissimo Poenitentiae Sacramento, Canon VI.
- (20) *Id.*, Sessio XXIII, De Sacramento Matrimonii, Canon VII.
- (21) *Id.*, Sessio XXV, Decretum de Purgatorio.
- (22) *Id.*, De invocatione, veneratione, et Reliquiis Sanctorum, et sacris Imaginibus.
- (23) *Id.*, Decretum de Indulgentiis.
- (24) Antero de Quental, *Prosas*, Defesa da Carta Encíclica de Sua Santidade Pio IX.
- (25) Guerra Junqueiro, Resposta ao «Syllabus».
- (26) Denzinger, *Enchiridion Symbolorum*, «Syllabus», 1700, sgs.
- (27) 'Theotokos'.
- (28) 'Cristotokos'.
- (29) Bula 'Ineffabilis Deus', 8 de Dezembro de 1854.
- (30) Bula «Munificentissimus Deus», de 1 de Novembro de 1950.



# Página da Juventude



## Acampamentos dos M. V. em 1964

Se os planos que se estão fazendo se puderem concretizar, teremos este ano dois acampamentos para os Missionários Voluntários — um, de 4 a 13 de Agosto, para os menores dos 10 aos 15 anos, e outro, de 18 a 27 do mesmo mês, para os jovens dos 16 aos 30 anos.

A diária será a mesma do ano passado, ou seja, 15\$00.

Vamos desde já fazer planos para participar nesses acampamentos.

## M. V. da Missão da Luz

No Sábado, 12 de Outubro passado, tivemos o prazer de assistir a uma cerimónia de investidura dos M. V.. O programa foi preparado de antemão e, podemos dizer, agradou muito a todos os presentes. No final, 36 alunos receberam os emblemas de Auxiliares e 10 de Amigos.

Presentemente temos 37 alunos na classe de Auxiliares, 35 na de Amigos e 1 na de Companheiros, que estão estudando os requisitos e preparando-se para a nova Investidura.

Pensamos que as classes progressivas são um bom meio de preparar a juventude para a Obra de Deus e temos muito prazer em dar a nossa colaboração, embora pequena e deficiente, a este Departamento. Que o Senhor abençoe ricamente a Sua juventude de modo a que, no futuro, possa haver homens e mulheres fortes na obra de preparar as almas para a Vinda do Nosso Senhor Jesus, é o meu desejo.

Alina Candeias

## Sociedade dos M. V. de Nova Lisboa

«Para que os nossos filhos sejam como plantas bem desenvolvidas na sua mocidade; para que as nossas filhas sejam como pedras de esquina lavradas como colunas de um palácio.» Sal. 144:2.

Os jovens da igreja de Nova Lisboa fecharam com chave de ouro o ano de 1963 e iniciaram brilhantemente o de 1964.

Na noite de 29 de Dezembro pudemos ouvir dos lábios de muitas pessoas que assistiram à Festa do Natal: «Parabéns pelo que ouvimos e vimos».

O Templo Adventista estava literalmente repleto às 21 horas.

O programa, dividido em duas partes, foi apresentado pelo director das actividades M. V.. A primeira parte compunha-se de poesias, números de piano e cânticos em coro pelos jovens, proficientemente ensaiados e dirigidos pelo seu vice-director.

A segunda parte era constituída por uma peça de teatro, com oito quadros cujos cenários foram pintados pelos jovens, e cerca de vinte e cinco personagens, com o título «O Destino Vem Ao Vosso Encontro».

As cenas ligadas ao nascimento de Jesus eram apresentadas através de uma reportagem radiofónica directa dos lugares da Palestina: foram entrevistados o dono da estalagem onde nasceu Jesus e os pastores; assistimos aos acontecimentos no Palácio de Herodes e a uma entrevista com Simeão no Templo de Jerusalém, etc.

Continua na pág. 13



# Histórias Africanas



## SALUFUMA

O rapazito africano pouco tinha visto do mundo que ficava além da aldeia onde nascera. Essa aldeia estava situada numa montanha, perto de um lago e podia ser vista a considerável distância. Porque o pai de Salufuma era o soba, ele desfrutava de uma melhor casa, de uma melhor tanga e de melhor alimentação do que a maioria dos outros rapazes da aldeia.

Todos prestavam homenagens a seu pai. Quando se aproximavam de sua casa, gritavam várias vezes «*Kalunga a Soma*» e outras tantas vezes se prostravam no solo.

Mas o soba andava triste. Sua mulher, «*Nasoma Ngeve*», também andava triste. Salufuma, seu filho, estava muito doente e parecia-lhes que certamente morreria. Numa perninha alastrava a olhos vistos uma horrível ferida, ulcerada, que tomava pior aspecto á medida que transcorriam as semanas. Sua mãe chorava e o «*ocimbanda*» esmerava-se na execução de cerimónias estranhas, mas nada parecia ajudar. Afigurava-se-lhes certo que o pequeno Salufuma não viveria muito tempo.

Então, certo dia alguém falou ao soba de uma missão que ficava a um dia de caminho e onde tratavam as pessoas doentes. Dizia-se até que lá na missão tinham já curado muita gente sofrendo de úlceras iguais á de Salufuma. Era espantoso! O soba e os seus conselheiros reuniram-se no «*onjango*» e deliberaram pela noite fora.

Na manhã seguinte, quatro homens, transportando o pequeno Salufuma nu-

ma tipoia e levando alguns presentes para os missionários, puseram-se a caminho da missão.

Salufuma sentia-se temeroso pois nunca tinha visto um branco e, além disso, o feiticeiro já lhe tinha magoado tanto a sua perninha que ele não desejava que alguém voltasse a tocar-lhe. Pouco antes de partir, por ordem de seu pai, o feiticeiro fez-lhe o último tratamento: colocou-lhe sobre a ferida excremento de vaca fresco. Salufuma não se sentiu muito mal a princípio, mas, à medida que o excremento secava, debaixo dos quentes raios do sol tropical, a dor tornou-se tão insuportável que Salufuma gritou quase todo o caminho.

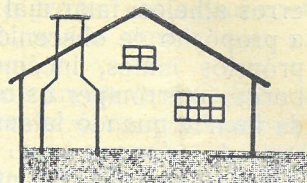
Quando chegaram à missão, o missionário observou o pequenito e disse aos carregadores que o deixassem na missão e voltassem duas semanas depois. Quando estes regressaram à aldeia contaram ao soba que tinham visto Salufuma numa cama limpa e que os missionários logo começaram a tratar a perna. Antes de partirem tinham-no visto adormecer depois de lhe terem colocado remédio e uma ligadura limpa sobre a ferida.

Cada vez que os mensageiros iam visitar Salufuma, traziam boas notícias. Um ano mais tarde, o pequenito regressou a casa com a perna curada. Uma cicatriz enorme, era tudo quanto restava da horrível úlcera.

Mas Salufuma trouxe qualquer coisa mais. Na missão aprendera a ler e agora falava de um Deus diferente,

*Continua na pág. 14*





# A CORTESIA

por Ernesto Ferreira

Escreveu um autor: «Alguns cristãos estão lavados, mas não passados a ferro». Queria ele dizer que alguns cren-tes, embora se tenham convertido, con-tinuam ainda com as maneiras rudes dos tempos da ignorância. Mas não de-veria ser assim. A aceitação de Cristo transforma o carácter, ilumina o sem-blante, adoça a voz, refina as maneiras. No cristão verdadeiro transparece a be-leza de Cristo.

Alguns apresentam como fundamen-to da cortesia a regra áurea: «Tudo o que vós quereis que os homens vos fa-çam, fazei-lho também vós». (Mat. 7: 12). Mas nesta norma de procedimento pode insinuar-se algo de egoísmo e onde o eu for considerado como objec-to supremo não pode haver verdadeira cortesia.

E' necessário que haja um funda-mento mais sólido — um positivo amor. Assim, como base bíblica para a cor-tesia, apresentaríamos antes as pala-vras de Jesus: «Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como Eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis». (João 13:34).

O amor, porém, não pode manter-se oculto. Precisa de expressar-se. E essa expressão do amor constitui precisa-mente a mais genuína manifestação da cortesia.

Esse amor torna-nos «entranhável-mente misericordiosos e afáveis» (I Ped. 3:8). O que a Palavra de Deus diz da caridade podia ser dito da cortesia: «E' sofredora, é benigna; não é invejosa; não trata com leviandade, não se enso-berbece; não se porta com indecência, não busca os seus interesses; não se

irrita, não suspeita mal; não folga com a injustiça, mas folga com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta». (I Cor. 13:4-7).

## Cortesia no Lar

A prática da cortesia deve começar no lar, e tornar-se aí tão natural que não exija esforço ou recomendações especiais no caso de se receberem vi-sitas ou de se visitarem outras famílias.

Em primeiro lugar deve ser exercida pelos esposos entre si. Por vezes, du-rante o namoro, o jovem ou a jovem são extremamente corteses e atenciosos. Mas nem sempre continuam essas mes-mas disposições após o matrimónio. Por que não serem pelo menos tão cor-teses mutuamente como o são em rela-ção a pessoas estranhas?

Vêm depois os filhos. Desde que nascem, as crianças constituem objec-to da atenção de todos os membros da família: não poucas vezes são cria-das com mimo; e assim é fácil torna-rem-se egocêntricas.

Urge educá-las desde novas a pen-sar nos outros — levando-as a ser agra-dáveis, prestáveis, generosas, a parti-lhar com os outros os seus privilégios e a espalhar um pouco de luz ao seu redor.

Ensinemo-las a tratar bem os ani-mais; a mostrar consideração para com as pessoas doentes e idosas, erguendo-se quando estas entram ou ajudando-as a levar os objectos pesados.

Eis algumas atitudes que deviam ser evitadas em casa: bocejar, assoar-se ruidosamente, coçar-se, espreguiçar-se; espirrar sem colocar um lenço diante da boca; rir dos defeitos físicos ou dos



erros alheios; falar mal do próximo; rir a propósito de obscenidades; falar dos próprios males, incômodos ou dissabores; interromper os outros membros da família quando falam, ainda que se trate de crianças.

Por outro lado, mantenham-se habitualmente práticas cortesias, tais como: despedirem-se antes de se separarem de manhã para as respectivas actividades ou à noite antes de se deitarem; usarem, quando venha a propósito, expressões obsequiosas como «se faz favor» «e muito obrigado.»

### Cortesia à Mesa

As refeições são uma ótima oportunidade para os pais educarem os filhos na cortesia, não tanto dissertando sobre o que devem fazer, como pelo próprio exemplo.

Se todos se comportarem à mesa, em todas as refeições, como se estivessem convidados presentes, a prática da cortesia tornar-se-á espontânea, e todos se sentirão à vontade quer tenham visitas quer se sentem a uma mesa estranha. De outra sorte, as crianças farão má figura ou passarão verdadeiros tormentos quando tenham de comer fora da sua própria casa.

A mesa deve estar posta com toalha e guardanapos limpos. Ficarão mais alegre se ao centro tiver um vaso com flores ou folhagem.

A aparência de todos, em especial da mãe, deve ser asseada: cabelo penteado, mãos e roupa limpas.

É importante que logo que a dona de casa anuncie estar preparada a refeição, todos vão para a mesa, havendo o cuidado de deixar entrar primeiro os hóspedes. É falta de cortesia o chegar tarde.

Ao sentarem-se, haja o cuidado de não arrastar as cadeiras. Os cavalheiros não devem sentar-se antes das senhoras.

Num lar cristão, é nessa altura feita reverente oração, pelo chefe da casa ou por quem ele convidar para a fazer.

Durante a refeição, todos devem manter uma atitude erecta, sem constrangimento, nem apoiar os cotovelos em cima da mesa, nem mexer no cabelo

nem brincar com os pratos ou talheres.

O guardanapo, depois de a dona de casa desdobrar o seu, é colocado em cima dos joelhos e não dependurado ao peito.

Nunca deve ser servida a comida com o próprio talher, nem estender-se a mão por diante das outras pessoas para chegar a qualquer coisa que esteja longe, mas pedir a quem esteja mais perto o favor de a passar.

Ao comer, não é a boca que vai ao encontro da colher ou do garfo, mas é o talher que vai à boca, sendo para esse efeito necessário levantar o braço. Nunca se leva a comida à boca com a faca.

Não se encha demasiado a colher ou o garfo. O pão não deve ser comido às dentadas, mas em pequenos pedaços partidos à mão à medida que se vão levando à boca.

Parece mal comer com ruído; comer com a boca aberta, de tal maneira que se vejam os alimentos dentro dela; comer com sofreguidão; encher a boca com comida demais; rir ou falar com a boca cheia.

Durante a refeição, mantenha-se uma conversação agradável, em que os próprios filhos possam estar interessados. Falemos com eles acerca dos acontecimentos que ocorrem durante o dia. Aprenderão assim a conversar.

Quando não estejam visitas, não é fora de propósito que o marido elogie a esposa pela boa comida preparada, sobretudo quando tenha sido apresentado algum prato especial.

Evite-se à mesa toda a crítica, bem como assuntos que causem horror ou repugnância.

Terminada a refeição, se o conviva continua ainda em casa, dobra o guardanapo; caso contrário, deixa-o ao lado esquerdo, desdobrado.

Ninguém deve levantar-se da mesa antes de as senhoras o fazerem, começando pela dona da casa. Se alguém necessitar absolutamente de se levantar, deverá primeiro pedir-lhe licença.

Embora o nosso impulso natural seja agradecer ao dono ou à dona da casa a refeição que nos foi oferecida, convencionou-se não agradecê-la, mas apenas manifestar o prazer que sentimos com o convite.



Além destes princípios gerais, que se aplicam mais ou menos em todos os países, há algumas normas que dependem das terras onde se vive.

Assim por exemplo, sobre a maneira de pôr a mesa. Em muitos países, o garfo e o guardanapo ficam à esquerda dos pratos; a faca e o copo, à direita; a colher pode ficar à frente ou à direita. Os talheres de sobremesa ficam à frente.

Quanto aos lugares ocupados pelos comensais, há uma certa variedade de acordo com as tradições de família ou da respectiva nacionalidade. Talvez seja de aceitar em Angola a seguinte disposição:

A dona da casa, se há quem sirva à mesa, senta-se no lugar oposto à porta por onde são servidos os alimentos. À sua frente senta-se seu esposo. Os lugares de honra são, para os homens, respectivamente à direita e à esquerda da dona de casa; e, para as senhoras, à direita e à esquerda do dono da casa. A distribuição dos restantes convidados pode ser feita menos rigorosamente, segundo se deseje colocar juntas pessoas que possam manter uma conversação interessante.

As sugestões acima apresentadas deverão receber uma adaptação conveniente, quando a própria dona de casa tiver de servir a comida ou quando a disposição da mesa em relação à porta exija outro arranjo.

Se a refeição for de cerimónia, convém que as crianças comam numa mesa à parte.

## Em Sociedade

Quando duas pessoas de sexo diferente se cumprimentam, é a senhora que primeiro estende a mão.

Quando desejamos apresentar uma pessoa a outra, devemos fazer a apresentação da inferior à superior ou à que por sua posição deve ser honrada. Assim, o cavalheiro é apresentado à senhora; o novo à pessoa de mais idade.

Quem apresenta pode dizer, por exemplo: «Sra. Dona F., dá-me licença que lhe apresente o meu amigo Sr. F.?» Convém fixar o nome, e, ao cumprimentarem-se em seguida, dizer: «Sra.

Dona F., muito prazer em a conhecer» ou «Sra. D. F., muito prazer em conhecer V. Ex.»

Quando uma amiga vem visitar uma filha da casa, esta deve apresentá-la à mãe, dizendo como a conheceu e onde mora.

Entrando num local onde se encontrem muitas pessoas, não é necessário apertar a mão a todos os presentes. Basta cumprimentar os donos da casa e dirigir um cumprimento geral aos restantes.

Na sala, não escolhamos para nós os melhores lugares. Reservemo-los às senhoras e às pessoas de mais idade, procurando proporcionar a estas todo o conforto.

Não convém cruzar as pernas, quando estamos com pessoas que nos merecem respeito.

A arte de conversar consiste mais em ouvir o interlocutor do que em falar. Em todo o caso, não monopolizemos a conversa nem falemos mais alto do que os outros, nem interrompamos as outras pessoas.

Devemos evitar: falar em segredo diante de gente; falar só em assuntos que nos dizem respeito; mencionar as nossas doenças ou desgostos de qualquer espécie; ridicularizar ou falar mal do próximo; contradizer os mais velhos.

Se tivermos de nos retirar do recinto, façamo-lo só depois de termos conversado algum tempo; peçamos então licença e saiamos. Por outro lado, não nos demorem tanto numa visita, que a nossa presença possa tornar-se enfadonha. Procuremos o justo meio termo.

## A Arte da Hospedagem

Quando chega o hóspede, a dona da casa mostre-lhe o quarto que lhe foi destinado, que deve estar bem arrumado, com roupa de cama limpa, e sendo possível com uma jarra de flores sobre a mesa. Se no quarto houver lavatório, deve haver toalha limpa e sabonete; caso contrário, indique-lhe na casa de banho quais são as toalhas limpas que lhe estão reservadas.

Durante a sua estadia, o hóspede deve ser rodeado de atenções, mas mais



importante ainda é que ele se sinta como em família sem constrangimento.

Não é necessário preparar por causa dele refeições demasiado elaboradas, desde que ele possa compreender que é bem-vindo e estimado.

Por sua vez, o hospede tenha presentes alguns princípios que lhe cumpre seguir. Se lhe é possível, o hóspede ajude a dona da casa. Por outro lado, é conveniente deixá-la de vez em quando só a fim de que se sinta à vontade para descansar ou dispor do seu tempo como melhor lhe convier. O hóspede tenha o cuidado de adoptar o seu horário ao programa da casa. De um modo particular, chegue

na hora devida às refeições. Coma o que lhe for apresentado à mesa, ainda que não tenha predilecção especial por algum prato, contanto que não seja proibido pela Palavra de Deus ou pelas normas da Igreja.

Não permaneça mais tempo do que o combinado. Mais vale terminar a sua estadia quando a sua presença ainda seria desejada, do que quando já começa a tornar-se dispensável.

Depois de partir, escreva uma carta amável agradecendo a hospedagem. Se desejar oferecer algum presente, não é necessário que seja de grande valor, mas algo que revele a sua gratidão e amizade.

## Calendário Adventista para 1964

18 de Janeiro	Dia da Liberdade Religiosa
1 de Fevereiro	Dia da Missão Interior (Cruzada de Estudos Bíblicos)
8 de Fevereiro	Dia do Lar
15 de Fevereiro	Dia da Educação
7 de Março	Dia da Cruzada Missionária
14 de Março	Dia da Escola Sabatina
21 de Março	Dia dos Missionários Voluntários
21-28 de Março	Semana de Oração dos Missionários Voluntários (Igrejas Europeias)
11-18 de Abril	Semana de Oração dos Missionários Voluntários (Missões)
25 de Abril	Dia das Vocações
2 de Maio	Dia da Sociedade de Dorcas
16 de Maio	Dia Pro-Escritos do Espírito de Profecia
6 de Junho	Dia da Voz da Profecia (Inscrições para o Curso Bíblico por Correspondência)
13 de Junho	Dia dos Desbravadores M. V.
4 de Julho	Dia Médico-Missionário
1 de Agosto	Evangelização de Novos Territórios
5 de Setembro	Dia das Publicações
24 de Outubro	Dia da Temperança
7 de Novembro	Dia dos Pregadores Voluntários
7-14 de Novembro	Semana de Oração e Sacrifício



As caracterizações estavam magníficas e os intérpretes conscientes da sua responsabilidade.

Sáimos do Templo Adventista com pena de tudo ter terminado.

Na noite de 4 de Janeiro, a Exposição dos trabalhos dos jovens de várias igrejas de Angola abriu as suas portas ao público. Cerca de setenta trabalhos, a maior parte de «grande classe». Estava representada a pintura, o desenho, a fotografia, trabalhos em barro e madeira e labores femininos. O conto e a poesia era a secção menos representada e foi pena.

Na véspera o júri constituído pelos pastores das diversas igrejas da União e respectivas esposas classificou os trabalhos e julgou não haver qualquer Sociedade M. V. triste, pois todos receberam a sua quota-parte de prémios atribuídos.

A exposição esteve bastante concorrida, quer na noite da inauguração, quer durante o dia seguinte.

Era transmitida música de fundo.

Além dos trabalhos expostos, quase todos vendidos, havia duas mesas com livros publicados pelo Departamento das Publicações e dos quais se venderam vários.

O produto reverteu a favor da constituição da tão desejada biblioteca para os jovens. Assim, há já uma meia centena de livros nas prateleiras da estante M. V.

Na tarde do dia 5, Domingo, os nossos jovens devidamente fardados apresentaram a Festa das Investiduras. Algumas poesias, demonstrações do que aprenderam e, finalmente, a entrega — momento solene — dos emblemas das respectivas classes. Foram investidos 14 jovens.

O Presidente da União, Pastor Ernesto Ferreira, dirigiu algumas palavras sobre o significado do acto e valor da Organização M. V.

Terminamos esta reportagem pedindo a cada jovem da Igreja de Nova Lisboa: cada vez mais e melhor. Tudo o que façamos será sempre pouco em

relação ao muito que Deus fez e continua a fazer por nós.

E aqui fica registado o meu muito obrigado por toda a colaboração que os meus muito queridos jovens me dispensaram. Assim sentimos satisfação em trabalhar.

J. Sincer

---

## Salufuma

Continuação da pág. 8

um Deus estranho, que fizera as árvores, as montanhas e os homens.

«Os missionários falaram-me desse Deus», explicava Salufuma todo ufano, «e eu aprendi a falar com Ele. É um grande Deus, superior a todos os outros deuses. Foi Ele que me curou porque antes do «ocindele» trabalhar na minha perna, cada dia, ele falava com Deus e pedia-Lhe que me curasse.»

Estas palavras soaram estranhamente aos ouvidos do povo da aldeia e tornaram-se o assunto de todas as conversas durante muitos dias. Finalmente, os pais de Salufuma resolveram mandá-lo de volta à missão para continuar a estudar e, mais tarde, poder regressar á aldeia como professor.

Salufuma teve grande êxito em ensinar o seu povo sobre Jesus e a razão foi esta: Jesus tinha-o curado.

Josephine C. Edwards

---

## O Amor de Cristo nos Constrange

Não há cardos nem pedras no caminho,  
Nuvens no céu, tormenta no alto mar;  
Vai mais longe a mensagem salutar  
Que as almas crentes veste de alvo linho;

Dá mais pena o clamor do passarinho  
Que a serpente encantou e quer tragar;  
Não há laço nem peste de assombrar,  
Não há f'rida sem bálsamo ou carinho;

Não há raças, nem credos, nem fronteiras,  
Nem queixas, nem tristezas, nem canseiras,  
Só o pecado intimida e o mal confrange;

Há súplicas e cânticos de glória,  
Mil estrelas na c'roa da vitória,  
Sim, quando «o amor de Cristo nos constrange!»

Correia Leite



# Notícias do Campo

Nova Lisboa

Aproveitando a presença dos membros do Conselho da Missão Europeia, realizou-se em Nova Lisboa, de 3 a 5 de Janeiro, o congresso anual da Igreja.

Na reunião da sexta-feira à noite, falou o Pastor Américo Rodrigues, de Sá da Bandeira.

No Sábado de manhã, na Escola Sabatina e no Culto, estiveram presentes simultaneamente os membros das igrejas europeia e nativa, sendo orador o Pastor António Lopes, de Benguela.

À tarde, com a igreja completamente repleta, procedeu-se a uma impressionante cerimónia baptismal. A pregação alusiva ao acto foi feita pelo Dr. Roy B. Parsons. Desceram às águas quatro senhoras e três jovens.

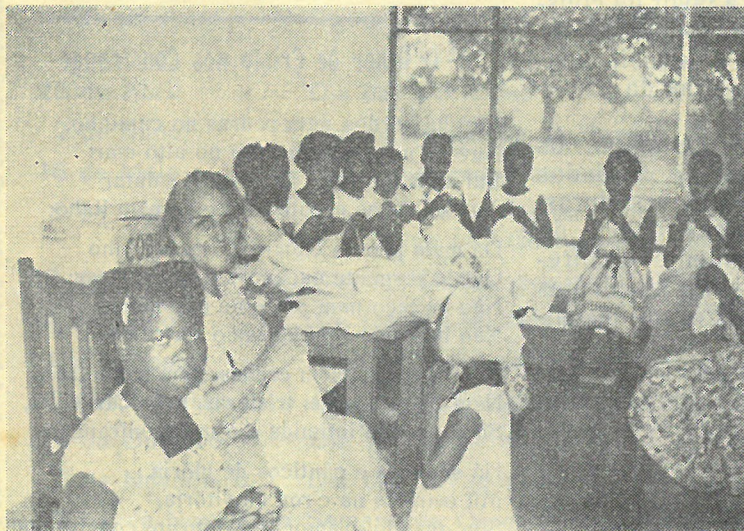
Na reunião da noite, foi orador o Ir. João A. Esteves, da Igreja de Moçâmedes.

Duas reuniões espirituais tiveram lugar no Domingo de manhã. Na tarde desse dia, realizou-se uma cerimónia de Investidura das Classes Progressivas, à qual é feita mais larga referência noutro local do «Boletim».

Este abençoado congresso terminou, à noite, com um inspirado sermão pelo Pastor Juvenal Gomes, da igreja de Luanda. Em resposta a um apelo para se dedicarem ao Senhor, cerca de cinquenta pessoas avançaram junto à tribuna, unindo-se numa oração de consagração feita pelo pastor da igreja.

Esperamos que estas reuniões tenham inspirado algumas almas a estudar melhor a Palavra de Deus e a preparar-se para fazerem parte da Igreja.

E. Ferreira



Alunos da Classe de costura da Missão de Lucusse, com sua Professora D. Emilia Chaves.

Missão do Lucusse

Esta pequena e antiga missão do interior do Moxico hoje mais do que nunca está necessitando de muitos obreiros. As suas duas áreas de Chafinda e Bundas solicitam-nos ardorosamente obreiros evangelistas. O Chafinda é uma região que abrange a margem direita do rio Luena, cuja parte central fica a uns 100 km do Luso, e a igual distância da Missão do Lucusse. Mercê da grande afluência de povo que se está deslocando da linha do caminho de ferro para esta região, muitas aldeias se estão formando.

A nossa mensagem tem boa aceitação entre os Quiocos, e por tal motivo encontramos-nos na grande necessidade de satisfazer os constantes pedidos que chegam até nós para enviarmos catequistas que puguem a Palavra e instrua o povo. Infelizmente, não temos obreiros suficientes.

Na região dos Bundas a situação é ainda mais aflitiva, permitam-me o termo. Precisamos de colocar ali imediatamente seis catequistas, para se abrirem novos lugares de trabalho. Onde os poderemos obter?

Precisamos de um pequeno exército de catequistas Umbundus que venham ocupar duma só vez todos os lugares que nos estão aguardando com as portas abertas de par em par! Se esta ocupação demorar demasiadamente, outros tomarão a iniciativa. Por isso, apelo para os Irmãos Umbundus a fim de que se disponham voluntariamente a entrar na luta contra o pecado e superstição que afligem estes povos.

No decorrer dos anos de existência da Missão do Lucusse, algo se tem realizado. Os missionários que por aqui têm passado se esforçaram em estabelecer em bases sólidas o nosso trabalho. Um a escola desde há muitos anos está funcionando para a preparação de candidatos ao Instituto de Treino do Bongo. Desta escola, portanto, tem saído a matéria prima que produziu os actuais obreiros que estão colocados no Campo. Porém, como dizemos, esta produção é insuficiente para as nossas necessidades. Uma acção de emergência se impõe...

Presentemente, estão funcionando na nossa escola os ensinamentos Primário Rural e Primário Comum. No ano lectivo que decorre iniciamos



na Missão a 4.<sup>a</sup> classe Primária. A frequência nesta classe é de sete alunos. Sendo sete um reduzido número de alunos, não deixa, contudo, de ser de grande importância para nós, pois que, além de representar um bom começo, também significa que dentro de uns quatro anos na melhor das hipóteses, teremos sete novos indivíduos a trabalhar na Obra. O total da frequência no ano lectivo que decorre, é de quarenta rapazes e de dez raparigas, todos internos. Se as possibilidades financeiras dos pais dos alunos fossem melhores, teríamos sem dificuldade neste ano cento e cinquenta ou duzentos alunos internos na Missão. Se as condições forem favoráveis, no próximo ano alcançaremos estes números.

Estamos dedicando especial atenção às raparigas. Já no ano passado iniciámos um curso especial de ensino doméstico e trabalhos femininos, o mais completo que nos foi possível. A esposa do director da Missão tomou a seu cargo esta responsabilidade, não se poupando a esforços em aplicar o seu saber e a experiência de trinta e quatro anos de vida missionária.

Escusado seria dizer que as jovens que beneficiam do nosso ensino, frequentam as aulas com admirável entusiasmo, aplicação e aproveitamento, tanto na aprendizagem do Português etc., como nas coisas de casa e labores femininos, em nada sendo inferiores aos rapazes no que a estes diz respeito.

Com as dignas Autoridades Escolares e Administrativas, temos sempre as melhores relações e a mais completa cooperação.

No passado dia 21 de Novembro, tivemos a grande satisfação e privilégio de comparecer com todos os nossos alunos e obreiros no Posto Administrativo do Lucusse, para a recepção a S. Excelências o Governador Geral, Governador do Distrito e comitiva. Calou fundo no coração dos nossos rapazes e raparigas, a maneira amabilíssima como o Senhor Governador Geral, em representação de Sua Excelência o Presidente da República, correspondeu às entusiásticas aclamações de regozijo de todo o povo que em massa acorreu no Lucusse a saudar os mais altos magistrados desta querida Província de Angola. Algumas fotos que tirámos na ocasião fixaram aqueles momentos de inesquecível alegria para estas gentes Luenas.

Foi pena que Sua Excelência o Governador Geral não pudesse visitar a nossa Missão, como aliás era Seu desejo, por falta de tempo!

Mui respeitosamente, aqui desejamos dei-

xar a expressão de nosso reconhecimento a Sua Excelência o Governador Geral, bem como a Sua Excelência o Governador do Distrito, pela bondade de suas palavras com que nos honraram ao se dirigirem a nós interessando-se pelo nosso trabalho missionário.

Continuamos a orar ao SENHOR DEUS para que abençoe os Dirigentes do nosso País, os inspire para o progresso de Angola e para que a Obra Missionária sempre avance para honra e glória do SENHOR!

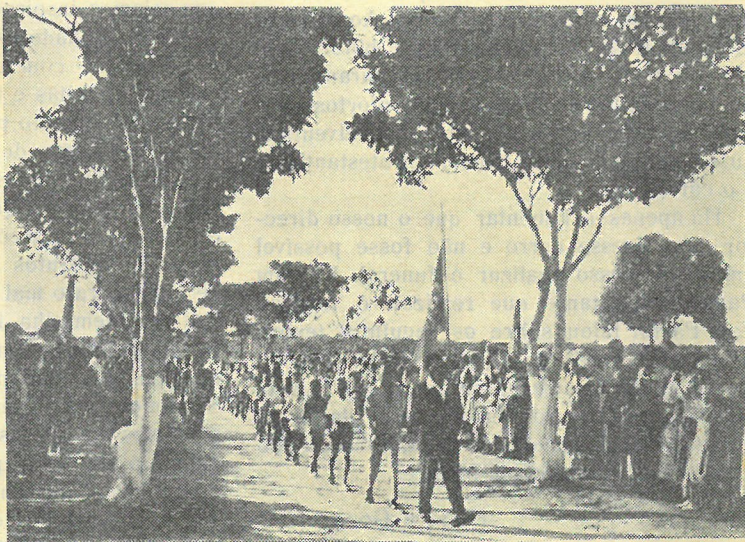
Victorino Chaves

## Missão de Quicuco

De 7 a 9 de Outubro p. p. teve lugar na Missão do Quicuco, sob a folhagem de duas gigantescas mangueiras que já noutras ocasiões têm dispensado a sua acolhedora sombra, uma série de reuniões espirituais, em que estiveram presentes, na totalidade, os obreiros do Campo Missionário de Quilengues—dez catequistas, três professores e dois pastores e suas Famílias. Além destes obreiros estiveram ainda presentes os pastores A. C. Lopes e Américo Rodrigues como convidados de honra.

A abrir falou o pastor A. C. Lopes. Usaram também da palavra os pastores Américo Rodrigues, José de Sá e Zeferino José e o prof. A. F. Narciso, que foram traduzidos pelo prof. David Siria e o catequista Jonas Mande, diante dum auditório com a assistência média de 210 pessoas e máxima de 290.

Três dezenas de pessoas levantaram-se dentre a assistência, em resposta a um apelo dirigido pelo pastor Zeferino José, dando assim público testemunho da sua resolução em seguir a Jesus e fazer parte da Igreja Adventista.



Alunos da Escola de Lucusse por ocasião da visita de Sua Excelência o Governador Geral.



Dezoito preciosas almas, na maioria jovens, desceram às águas onde foram baptizadas pelo pastor Zeferino José.

A encerrar o ciclo de palestras falou o pastor A. C. Lopes, «com as baterias bem carregadas», e alargou a prática até depois do pôr do sol, num gesto de despedida até a um próximo e breve encontro.

Um aceno de simpatia e agradecimento a todos os obreiros e suas Exmas. Famílias que prestaram a sua preciosa colaboração a estas reuniões com os seus cânticos e outras.

Bem hajam os que nos honraram com a sua presença.

António Narciso

### Aguardando a Ressurreição

E' com o mais profundo pesar que tenho a comunicar-vos o falecimento do nosso querido irmão Malaquias Canda, obreiro na Aldeia de Gunga, Posto de Ritondo. Faleceu no Hospital da Missão Evangélica do Quéssua, em 26 de Julho de 1963, após oito dias de enfermidade que os esforços da Ciência não conseguiram debelar.

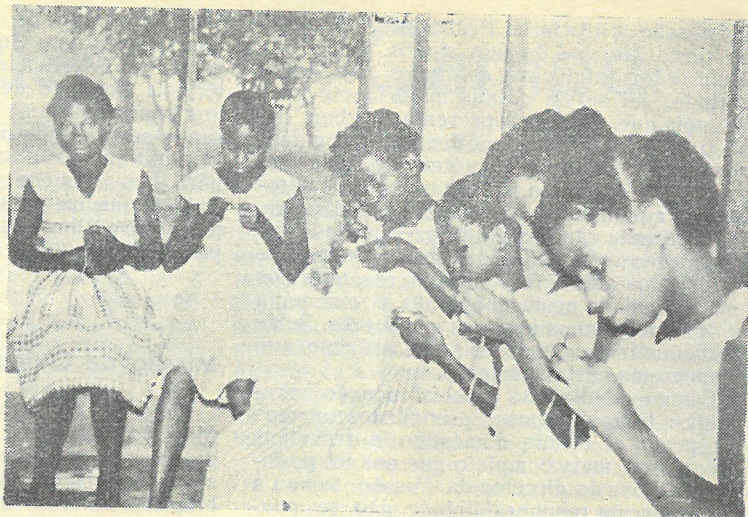
A doença que a princípio se não manifestava com sintomas alarmantes, tomou ao terceiro dia um carácter gravíssimo. Ao terceiro dia acabou por se declarar uma biliosa que vitimou o infeliz jovem. Posso garantir-vos que nada faltou ao enfermo em confortos e carinhos, apesar de ser um pioneiro adventista numa área onde predominam o protestantismo e o catolicismo.

Há apenas a lamentar que o nosso director não tivesse carro e não fosse possível um Pastor nosso realizar o funeral. Foi um Pastor protestante que realizou o funeral. Este Pastor falou sobre os seguintes textos: I Cor. 15:21, 22, 50-58; I Tess. 4:16, 17; João 11. Nosso Malaquias trabalhou um ano e pouco, mas sempre procurou levar toda a classe de pessoas a conhecer o seu Salvador seguindo assim os métodos do seu Mestre.

Fonseca Gongga

---

## Visado pela Censura



Classe de costura da Missão de Lucusse.

## Louvai; animai

Cultivai o hábito de falar bem do proximo. Detende-vos sobre as boas qualidades daqueles com quem estais associados, e olhai o menos possível para seus erros e fraquezas. Quando sois tentados a queixar-vos do que alguém disse ou fez, louvai alguma coisa na vida ou carácter dessa pessoa. Cultivai a gratidão. Louvai a Deus pelo Seu admirável amor em dar a Cristo para morrer por nós. Nada lucramos em pensar em nossas mágoas.

Deus convida-nos a meditar na Sua misericórdia e no Seu amor incomparável, a-fim-de que sejamos inspirados com o louvor.

Os trabalhadores activos não têm tempo de se ocupar com as faltas do próximo. As cascas das faltas e fraquezas dos outros não fornecem alimento para a nossa vida. A maldicência é uma dupla maldição, que recai mais pesadamente sobre quem fala do que sobre quem ouve. Quem espalha as sementes da dissensão e discórdia, colhe em sua própria alma os frutos mortais. O próprio acto de olhar para o mal nos outros desenvolve o mal em quem olha. Detendo-nos sobre as faltas do próximo, somos transformados na sua imagem. Mas contemplando Jesus, falando do Seu amor e da perfeição de Seu carácter, imprimimos em nós as Suas feições. Contemplando o alto ideal que Ele colocou diante de nós, subiremos a uma atmosfera santa e pura, que é a presença mesma de Deus. Quando aí permanecemos, sairá de nós uma luz que irradia sobre todos que estiverem em contacto connosco.

ELLEN G. WHITE